

ARTEMÍDIA INTERDISCIPLINAR APLICADA

Sílvia Fernando JANSON(IA/UNESP)

Regina Marcondes AMARAL(IA/UNESP)

Resumo: Relato da experiência levada a efeito nos grupos de pesquisa Artemídia e Videoclipe e Grupo de Ensino, Pesquisa e Prática Vocal da UNESP (GEPPEVOZIA), experiência que consistiu em trazer elementos das artes visuais para a prática musical. O processo artístico utilizado foi a gravação em vídeo de oficinas ministradas em atividades de extensão com a posterior reflexão sobre os trabalhos. O objetivo foi gerar produção artística pedagógica utilizando como referencial teórico-metodológico Pel (1992) e Zamboni (2012). A principal conclusão do trabalho é que a interdisciplinaridade é mais do que desejável: é imprescindível.

Palavras-chave: Artemídia; Música; Interdisciplinaridade.

Abstract: A report of the experience made by the research groups Artemídia e Videoclipe and Grupo de Ensino, Pesquisa e Prática Vocal da UNESP (GEPPEVOZIA). This experience consisted in bringing elements from the visual arts to the musical practice. The artistic process used was the video recording of the workshops given in extension activities with the later reflection on the works. The objective was to generate artistic-pedagogical production. Here we are using as theoretical-methodological reference Pel (1992) and Zamboni (2012). The main conclusion of this work is that interdisciplinarity is more than desirable: it is indispensable.

Keywords: Media Art; Music; Interdisciplinarity.

1. INTRODUÇÃO

Este relato é fruto do trabalho desenvolvido no ano de 2016 nos Grupos de Pesquisa Artemídia e Videoclipe e GEPPEVOZIA, ambos da UNESP. São equipes que realizam investigações maiores efetuadas em conjunto, variadas combinações, além de cada integrante realizar seu trabalho individualmente.

Em 2016, escolhemos efetuar atividade de extensão envolvendo alunos do ensino médio da Escola Estadual Miss Browne situada na zona oeste de São Paulo/SP, levando oficina de canto coral e percussão corporal para os discentes que se voluntariaram.

A escolha recaiu sobre o ensino médio pois constatamos que o estudo de música rareia¹ para estudantes desta fase. Seja pela proximidade do vestibular para o qual os alunos estão focados (vestibular que só contempla questões de música para as carreiras musicais), seja pelo pouco valor consignado às artes em geral, neste ensino médio o estudo da música é escasso.

¹ A este respeito ver Fernandes (2012).

Mesmo com a gratuidade do curso oferecido, um curso que, em escolas de música, provavelmente, custaria uma mensalidade robusta, os pretendentes foram poucos: dezesseis inscritos, oito participantes no início e apenas dois no final.

Apesar de poucos participantes, em relação ao total de alunos da escola, esta deu total apoio à realização das atividades, cedendo sala, equipamentos e estacionamento. Também contamos com a ajuda da universidade, que ofereceu transporte e toda logística necessária.

Desta forma, aplicamos o conceito de vídeo protótipo, gerando produção artística, conforme elaborado por Pel (1992, p.9):

Esses vídeos protótipos serviram para a aplicação prática, e posterior avaliação analítica, do conjunto de considerações e hipóteses que neste trabalho receberam a denominação de proposições axiomáticas. (...) Assim, os vídeos protótipos formaram o corpo experimental necessário à reflexão posterior.

Nós nos enxergamos como artistas pesquisadores, e a este respeito, citamos o trabalho de Zamboni (2012, p. 6):

Usarei a expressão pesquisa em arte para me referir ao trabalho de pesquisa em criação artística, empreendido por artistas que objetivam atingir como produto final a obra de arte. Portanto, só tratarei neste trabalho da pesquisa realizada pelos artistas, ou seja, quando o artista também se assume como pesquisador e busca, com essa dupla face, obter trabalhos artísticos como resultado de suas pesquisas.

Os vídeos são os trabalhos artísticos que produzimos e sobre os quais refletiremos.

2. AS OFICINAS

As oficinas, preparadas em reuniões semanais na universidade, abrangeram repertório variado: Baião do Zeca, O Som da Pessoa, Coco, Asa Branca, Sambalelê, Siyahamba (música em Zulu). Estas canções foram passadas e repassadas, uma vez que eram realizadas recapitulações no início de cada oficina. Utilizou-se cânones e percussão corporal. Aulas sobre respiração, controle do ar, fraseado, aquecimento e alongamento também se fizeram presentes. Conceitos teóricos sobre intervalos (terças paralelas) e alturas. Numa das oficinas, os educandos puderam ter um primeiro contato com a regência. Formou-se uma roda na qual revejavam-se alunos e monitores que indicavam quais sons deveriam ser produzidos e suas respectivas intensidades. Houve, também, a prática do improvisado que contemplou a composição. Material rico para filmarmos, produzir vídeos e pensar sobre o processo.

Elaboramos um questionário bastante amplo a respeito da experiência musical, expectativas quanto aos trabalhos, instrumentos que tocavam e acerca do gosto musical dos alunos. Pedimos para cada participante trazer um exemplo e cantar ou tocar e os instrutores orientavam em questão de performance, técnica vocal, afinação e falsete. Um dos alunos teve o acompanhamento harmônico de violão, enquanto interpretava a canção “Raridade”, do cantor gospel Anderson Freire. Foram aplicados conceitos de ritmo, síncopa e notas pontuadas com os alunos caminhando, inicialmente, ao pulso de uma música. Apesar do foco do grupo ser a voz, em duas das oficinas, levamos pandeiro e violão.

3. OS EQUIPAMENTOS E AS GRAVAÇÕES

Os equipamentos utilizados são patrimônio do IA/UNESP. Usamos filmadora Sony CMOS Hybrid e câmaras Canon PowerShot SX50HS, cartões de memória da instituição e tripé WF3770. A primeira constatação foi a necessidade de termos nossos próprios cartões porque os da instituição já estavam no fim da vida útil, repletos de informações diversas e nos fizeram perder um dia de gravações. Aprendemos que as câmaras Sony e Canon usam cartões diferentes: compramos dois pares de cada e, após as gravações, descarregávamos nos computadores e o problema foi resolvido. Naturalmente, carregar as câmaras no dia anterior é fundamental. Esta atividade, enxergamos agora, nos ensinou muito sobre a logística necessária ao empreendimento criador.

Para as gravações usamos duas câmaras: uma fixa no tripé e outra móvel. É com certo constrangimento que confessamos uma falha na primeira sessão. Gravamos com a câmara apontada para a janela, comprometendo a qualidade das imagens. Isto, porém, não mais se repetiu. Pedimos, gentilmente, para todos mudarem o posicionamento em função dos trabalhos de captação de imagem. São ensinamentos aprendidos com fluidez durante o procedimento artístico, validando mais uma vez a escolha da metodologia dos vídeos protótipos.

Percebemos a necessidade de atualização do equipamento em geral e este autor Sílvio Fernando Janson providenciará brevemente uma câmara Sony Alpha 7II R com bateria reserva, após receber aula no grupo de pesquisa Artemídia e Videoclipe sobre a câmara e os equipamentos mais adequados para os trabalhos.

A respeito da atuação dos bacharelados e licenciandos, notamos que eles tomaram contato com a necessidade de não ficar de costas para a fonte luminosa durante as gravações que foram efetuadas com luz natural forte em um horário próximo ao meio-dia.

Foram dirigidos para não saírem do campo visual da câmara e não se dispersarem na sala de aula.



Figura 1: Representação gráfica de imagem tirada em sentido contrário ao da fonte luminosa. Fotograma extraído da capa do álbum “A Hard Day's Night” dos Beatles (1964).

Conseguimos comunicar aos nossos colegas a importância de a captação das imagens ser realizada no mesmo sentido da fonte luminosa.

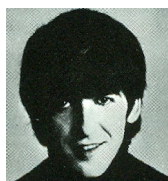


Figura 2: Imagem iluminada corretamente. Fotograma extraído da capa do álbum “A Hard Day's Night” dos Beatles (1964).

Percebemos ser muito interessante o revesamento entre câmara móvel e câmara fixa porque o cansaço muscular comprometia os trabalhos e gerava imagens tremidas.

4. EDIÇÃO

Escolhemos para nosso primeiro trabalho de edição selecionar um videoclipe dentro da quantidade imensa de material capturado. Para efeito desta pesquisa, videoclipe é o audiovisual que vive e existe em função exclusiva da música a que serve. Não existe apartado da respectiva canção.

A primeira melodia foi “Siyahamba”, hino Sul-Africano escrito por Andries Van Tonder. Utilizamos as imagens captadas pela câmara fixa e adotamos a técnica de plano-sequência, aquela na qual só ocorrem cortes para descarte de material. Julgamos este procedimento adequado para uma primeira aproximação, porque ele permitiu repassarmos o material gravado e também porque a canção é curta e não fica monótona

O programa de edição utilizado foi o “Adobe Premiere Pro” em sua versão CS3 de 2007. Ele não é amigável. Foi necessário muito tempo de trabalho e consulta a tutoriais pois ele não apresenta comandos intuitivos. Diversos colegas ajudaram, também.



Figura 3: Logotipo do programa Adobe Premiere Pro.

Dominamos a técnica de corte e apartamos nosso videoclipe do material gravado. A música, Siyahamba, durou vinte e nove segundos e seis décimos. Decidimos, então colocar título e informação escrita. No primeiro vídeo protótipo optamos por colocar quatro notas, a saber, o nome: do grupo de pesquisa, da escola, da música e a data da gravação – segundo semestre de 2016. Cada frase é lançada isoladamente e fica na tela por alguns segundos. No segundo vídeo protótipo, lançamos as palavras da maneira mais utilizada no mercado, o texto no início do vídeo com todas as informações.

Ao criar estes vídeos protótipos, atingimos o que pretendíamos, atuar como artistas pesquisadores, produzindo arte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trazer elementos das artes visuais para a prática musical se mostrou profícua. O trabalho com imagens ajuda sobremaneira músicos e professores porque possibilita a análise e a reflexão dos trabalhos musicais e, em especial, do canto.

A imagem fornece elementos concretos para a correção postural, elemento crucial para o desenvolvimento saudável da técnica vocal. Propicia, ao intérprete, a oportunidade de estudar sua postura, seus gestos, sua respiração, articulação das frases e expressividade.

Para o estudante de Regência e Licenciatura é a chance de conferir sua performance como condutor de um grupo vocal, verificar os conceitos que emitiu e os resultados que obteve.

Os estudantes do ensino médio podem ver como cantam, como se posicionam e como interagem em grupo. Aqui devemos lembrar que estes estudantes deixaram de trazer autorização dos pais para a divulgação dos vídeos, logo não poderemos disponibilizá-los na rede mundial de computadores. Usaremos o trabalho internamente, no grupo de pesquisa e nas aulas que continuarão no primeiro semestre de 2017.

Além da imagem, existe, naturalmente, o áudio, mais uma fonte de análise e reflexão. Trata-se de poderosa ferramenta de desenvolvimento a qual permite corrigir erros e tomar consciência do fazer musical.

A documentação dos trabalhos de pesquisa e extensão fica bem mais completa ao usarmos as ferramentas dos audiovisuais e abre toda uma nova dimensão de possibilidades nesta área, não mais restrita ao texto.

Todo o processo de reflexão envolvido já está se fazendo sentir no grupo de pesquisa. Este artigo é o primeiro exemplo, mas não pararemos aqui. Criaremos videoclipes para cada uma das músicas estudadas utilizando todas as técnicas e recursos que explicitamos. Mostraremos para o grupo e para os alunos e tentaremos obter autorização para publicação dos vídeos em sítios eletrônicos.

Quando concluirmos todos os videoclipes em plano sequência, passaremos à segunda série que será composta de produtos nos quais combinaremos imagens das câmaras móvel e fixa, para todas as músicas.

Continuaremos as gravações no retorno das oficinas no primeiro semestre de 2017.

Outra ideia em gestação consiste na produção de videoaulas de canto para educação a distância.

O referencial teórico-metodológico empregado mostrou-se adequado à tarefa empreendida. O conceito de vídeo protótipo proposto por Pel (1992) permite ao estudante criar e posteriormente refletir. Aplicamos isto e verificamos o crescimento e a transformação pela qual passamos. Hoje estamos proficientes na captura de imagens, na edição e na análise do trabalho. Cumprimos o previsto por Zamboni (2012) ao falar sobre o artista pesquisador. Ele, Zamboni (2012), lembra que há artistas, pesquisadores e artistas pesquisadores. Não existe na classificação qualquer julgamento de valor. Artista cria a arte de maneira intuitiva, expressa a beleza, os valores e as mensagens e atinge assim seu desiderato. Pesquisador existe em todas as áreas do conhecimento humano e está em constante perseguição ao saber. O artista

pesquisador age ao mesmo tempo como artista e pesquisador. Estuda o fazer artístico, pesquisa e aplica os resultados em seu trabalho. Foi o que fizemos ao criar este projeto.

Finalizando, entendemos que a interdisciplinaridade é imprescindível aos trabalhos da arte. A potência gerada pelo casamento da música com as artes visuais é flagrante no mundo contemporâneo. Esta feliz união deve ser trazida para a academia. O músico ao se formar, enfrenta condições competitivas e precisa gerar o máximo de valor em suas produções. Precisa empreender, abrir veredas, descobrir e inventar. Deve equipar-se com o máximo de saberes.

O YouTube e o Facebook são a realidade atual: a música tem grande dificuldade de inserção sem imagem. Acreditamos contribuir com nossa parcela para a solução deste problema.

REFERÊNCIAS

BEATLES. **The Beatles in mono**. Japão: Apple, 2009. Caixa com onze CD com toda a produção original em mono na qual se inclui o álbum *A Hard Day's Night*.

FERNANDES, Iveta Maria Borges Ávila *et alia*. Experimentos da educação musical no ensino médio. In: COLVARA, Laurence Duarte e OLIVEIRA, José Brás Barreto de (Org.). **Núcleos de ensino da UNESP (recurso eletrônico): artigos 2012: metodologias de ensino e apropriação de conhecimento pelos alunos**. São Paulo: Cultura Acadêmica UNESP. Pró-Reitoria de Graduação: Núcleos de Ensino da UNESP, 2014. p. 201–221.

PEL, P. C. **Videoclip: artemídia emergente**. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 1992.

ZAMBONI, Sílvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**, 4. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2012.